
DO PAPIRO AO VIRTUAL: A FANTÁSTICA TRAJETÓRIA DO LIVRO

Daniel Luna Correia
(PROLING/UFPB)
danielluna_13@hotmail.com
Andressa Allyne Araújo de Lima
(PROLING/UFPB)
andressa.allyne@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Para melhor compreendermos a evolução do livro, faz-se necessário, embora de forma sucinta, referirmo-nos à história da escrita, que evoluiu desde incisões de espaçamento regular datadas de 50.000 anos de nossa era, em pedra e osso, segundo Dubois et al (1993), passando por pictogramas, ideogramas, fonogramas, entre outros.

A escrita ideogramática se desenvolve no Oriente, na América Central e no Mar Mediterrâneo. Caracteriza-se como uma consequência da vida nas cidades e Estados, que fez surgir necessidades como a instrução ideológica político-religiosa e a contabilização de produtos comercializados e dos impostos.

As escritas silábicas ou alfabéticas situam-se no fim de uma evolução que resulta na notação dos sons (escrita fonológica). No início, os alfabetos costumavam ser silábicos, passando, depois, a fonéticos. Apesar de o princípio do alfabeto fonético ser a existência de um signo para cada som e de um som para cada signo, em nenhuma língua existe uma correspondência tão ideal entre letra e som, ou seja, entre fonema e grafema.

Tecnologia humana por excelência, Dubois et al (1993, p. 197) define a escrita como “uma representação da língua falada por meio de signos gráficos”. Na maioria das vezes a produção de textos escritos destina-se à atividade de leitura, e Yunes e Oswald (2003) afirmam que sem a leitura a escrita permaneceria na condição de letra morta, monumento mudo, parada no tempo e no espaço, bem aquém da oralidade.

Os instrumentos usados para escrever, desde hastes de bambu a penas de pato ou de outras aves, evoluíram e se sofisticaram tanto quanto os suportes que, de placas de barro e chapas metálicas, chegaram ao papel e a todas as telas disponíveis nesse universo tecnológico praticamente infinito.

O avanço tecnológico e as interações entre diversas culturas, suportes e linguagens fez surgir o livro que, como a escrita, também evoluiu. Este estudo tem por objetivo narrar sua trajetória, que é a própria história da humanidade e de sua evolução.

A gênese

A palavra livro vem do latim – *libere, líber, libri* – que se referia à parte do papiro liberada do restante da planta e utilizada como suporte gráfico e, de acordo com o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2008, p. 1774), o livro “é uma coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura, etc, [...]”

Produto intelectual e cultural por natureza, para Escarpit (1976, p. 65) “é uma máquina de ler.” Fruto de técnicas postas a serviço de determinadas intenções e suscetíveis de certas utilizações, não só seus conteúdos, mas também sua forma variaram historicamente, acompanhando o desenvolvimento artístico, científico, tecnológico e ideológico da humanidade.

Ao longo de sua evolução o livro teve vários suportes. No Oriente Médio, escavações revelaram a existência de pranchas de terracota milenares, e muitas obras literárias e não literárias nos foram transmitidas por esse processo, mas não podem ser consideradas livros, pois lhes falta uma característica essencial: a transportabilidade.

Entre os diversos materiais utilizados como suporte para a escrita estão as folhas de palmeiras (indianos); material macio existente entre a casca das árvores (maias e astecas); tábuas de madeira cobertas com cera (romanos); papiro (egípcios); o pergaminho, material feito normalmente de pele de caprinos e ovinos, cujo nome origina-se em Pérgamo (grego *pergaméne*), cidade grega da Ásia Menor, onde se acredita originou-se ou foi distribuído; o papel e, finalmente, o espaço cibernético.

Por volta de 2200 a.C. deu-se o desenvolvimento do papiro. Era retirado de uma planta de mesmo nome e tinha suas fibras unidas, formando tiras que serviam como superfície resistente para a escrita hieroglífica. Os rolos manuscritos atingiam 20m. É do latim *papyrus* que se originaram a palavra portuguesa *papel* e a inglesa *paper*.

O papel, o mais importante entre os diversos suportes, como é conhecido hoje, surgiu na China, no início do século II, produzido pelo cozimento de fibras do líber – casca interior de certas árvores. Dados históricos revelaram que os árabes o trouxeram para o Ocidente, em

1115, quando invadiram a Península Ibérica, fundando em Játiva, Espanha, a primeira fábrica ocidental, de papel. No final da Idade Média, foi de fundamental importância para a administração pública e divulgação religioso-cultural.

Segundo Escarpit (1976), a primeira forma de livro parece ter surgido no primeiro milênio da era cristã e ligou-se, provavelmente, à utilização de materiais macios e leves para a escrita. Outras fontes, mais precisas, informam que o primeiro livro surgiu na China, por volta de 868.

Em 1428, Johann Gutenberg fez as primeiras tentativas de impressão com caracteres móveis e, em 1442, foi impresso o primeiro livro em uma prensa. Em 1448, juntamente com Johann Faust, funda a 'Fábrica de Livros' [Werk der Buchei], em que este último, depois da sociedade desfeita, imprimiu a famosa Bíblia de Gutenberg, de 42 linhas. Esta invenção marcou a passagem da Idade Média para a Moderna, acarretando na Europa uma mutação social, econômica, religiosa e difusão do conhecimento nunca antes vistas. Sua tecnologia sobreviveu até o século XIX com poucas modificações.

O livro e suas formas

Visto por Escolar (1977) como o mais fecundo invento do homem, a ferramenta mais maravilhosa por ele inventada, o livro passou por várias formas e, ao longo de sua história, foi exaltado, venerado, odiado, temido, proibido e até sacrificado em fogueiras.

O rolo de papiro foi a forma de livro utilizada na Antiguidade Clássica por todos os povos e denominava-se *volumen*. Era formado por uma longa tira enrolável, presa nas extremidades laterais, na qual se escreviam, de um só lado, largas colunas contendo histórias reais e fictícias, atos administrativos, conhecimentos científicos, agrícolas e astronômicos, bem como feitos heróicos de reis e textos religiosos.

Com o aparecimento da escrita alfabética, o livro se popularizou na Grécia, permitindo o acesso às obras literárias e o registro de ensinamentos conservados para a posteridade. De acordo com Escolar (1977), a partir dos gregos, as obras escritas e, principalmente, as obras criadoras, vão ocupar lugar de destaque dentro da produção intelectual, e passam a ser mais valorizadas.

No século III a.C., em Pérgamo, um dos Estados gregos, o couro começou a ser utilizado como suporte da escrita, recebendo o nome de pergaminho. Em consequência do novo material, surge o *códice*, "conjunto de folhas superpostas e costuradas ou presas de um

lado, como a atual forma do livro” (ESCOLAR, 1977, p. 14).

Pergaminho e códices se impuseram ao iniciar-se a Idade Média, devendo-se, em parte, às difíceis relações comerciais com o Egito, que detinha o monopólio do papiro e, talvez, também devido à preferência da nova cultura cristã por esse formato, cujo triunfo sobre o *volumen* se consolidou com a queima da Biblioteca de Alexandria, fundada no século III a.C e parcialmente destruída em 48 d.C.

Com a chegada do papel, que tornou a escrita mais fácil, um prodigioso desenvolvimento cultural se processou e as bibliotecas se espalharam no Oriente Médio que, junto com a Península Ibérica, polarizou a intelectualidade humana entre os séculos VII e XII. A inquietação intelectual fez surgir o Renascimento, modificando fundamentalmente o valor que se dava ao livro e a sua função dentro da sociedade.

Fugindo a todas as características típicas do objeto livro, anteriormente citadas, surgiu, no fim do século XX, o livro eletrônico – o e-book – cujo suporte principal [até o momento] é o computador. É mais uma das revoluções que o livro sofre em consequência dos avanços tecnológicos, das necessidades criadas pelo desenvolvimento técnico-científico e das novas atividades empreendidas pelo homem na sua ânsia de comunicar-se, registrar e registra-se, saber mais acerca de si, dos outros e do mundo.

O livro: classificação e função

O livro foi um dos impulsionadores da transição da cultura oral para a escrita, e muitos gêneros se desenvolveram a partir dela. Entre os muitos gêneros que evoluíram com a escrita, a narrativa tem se destacado como um dos mais estudados e, segundo Ong (1998, p.158), “constitui um gênero capital de arte verbal sempre presente, desde as culturas orais primárias até a alta cultura escrita e o processamento eletrônico da informação”. Assim, palavras como romance, antes ligadas a gêneros orais, ampliaram seu significado, agregando informação diretamente relacionada a gêneros escritos.

O livro tem sido um importante instrumento transformador do indivíduo e da sociedade como um todo, já que a leitura agrega conhecimento, desenvolve a capacidade crítica e criativa, aprimora a linguagem e otimiza a comunicação. Apesar de todos os meios tecnológicos e midiáticos de divulgação cultural, o livro ainda oferece vantagens sobre eles, como facilidade de transporte e de acesso; sua leitura pode se realizar em qualquer hora ou lugar e no ritmo conveniente ao leitor.

Toda utilização da linguagem pressupõe uma escolha que influencia diretamente nas opções que fazemos em relação aos recursos linguísticos, seus respectivos suportes e ferramentas, a fim de satisfazer as nossas necessidades de comunicação. As formas, conteúdos e funções do livro sofreram a influência dessas escolhas, não só as realizadas pelos escritores, mas também pelos leitores, suas demandas e expectativas, bem como dos recursos tecnológicos e interesses financeiros dos editores. O porquê da aquisição tem sido algo que também influencia o formato e a função do livro ao longo de sua história e, assim, surgiram o livro de cabeceira, de bolso, didático, negro, entre outros.

O livro-objeto

Considerando-se o livro objeto, é preciso analisá-lo dentro da rede de circunstâncias sociais que regeram e regem ainda sua distribuição e aquisição: valor comercial, investimento e consumo ostentatório, divulgação e aquisição de conhecimento, busca de prazer entre outras.

Segundo Escarpit (1976), o livro é “um objeto de arte, e também, ao mesmo tempo, um meio de expressão sonora [...] e um meio de comunicação intelectual [...]”. Visto apenas como um objeto, sua função é ser fonte de investimento, como aqueles leiloados e disputados entre colecionadores; elemento de decoração ou ainda o que Escarpit (1976) denomina de *status symbol*; isto é, um sinal de que o indivíduo se insere em determinada categoria social.

O livro funcional

O livro funcional guarda consigo, indiscutivelmente, uma intenção utilitária. Em 1876, Melvil Dewey propôs um sistema de classificação documentária, denominado Classificação Decimal de Dewey – CDD ou DDC na sigla inglesa, também conhecido como Sistema Decimal de Dewey, cujas últimas revisões ocorreram em 2004. O CDD organiza o conhecimento em dez categorias principais, sendo um sistema puramente numérico e infinitamente hierárquico.

Alguns livros, por sua natureza, são tipicamente funcionais, como é o caso do livro didático ou escolar que, como afirma este autor, “representa também, no gênero, a categoria mais importante”, já que “o ensino no mundo fez dele, em todos os países, um produto de primeira necessidade” (ESCARPIT, 1976, p. 23).

De todos os livros funcionais, o didático é o que mais se afasta do literário, pois atende, essencialmente, a uma necessidade técnica, de caráter e conteúdo determinados, definidos e avaliados, cuja aplicação obedece a uma série de critérios como o nível de desenvolvimento biopsicológico e contexto social do aprendiz.

O livro literário

Caracteriza-se por não ser nem funcional nem objeto, definindo-se pelo uso literário, como afirma Escarpit (1976). Uma diferença entre os literários e os funcionais é que aqueles são passíveis de julgamento estético, inserem-se no âmbito da comunicação, sendo, portanto, essencialmente dialógicos. Esse caráter dialógico do livro não se aplica apenas ao literário, mas é certo que esse gênero produz uma interação maior entre autores e leitores.

Bakhtin e Voloshinov (1979, p. 123) afirmam:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

O livro literário, a partir da publicação, não pode ter seu conteúdo alterado, seus destinatários são indefiníveis, nem é possível mensurar-lhes a receptividade, nem pressupor as leituras às quais está sujeito.

O livro policial

Sua história começa em 1841, com a publicação, na *Graham's magazine*, do conto de Edgar Allan Poe, *Os crimes da rua Morgue*, fazendo surgir dezenas de detetives inesquecíveis, de múltiplas personalidades: excêntricos, racionais, científicos violentos, amorais, mulherengos, mas, sem dúvida, sedutores. As narrativas são ricas em crimes misteriosos em que a criatividade do criminoso só é superada pela astúcia, sapiência ou perspicácia do detetive, para deleite do leitor.

A Inglaterra foi o país em que o romance policial mais prosperou. Uma das figuras mais famosas, considerada a grande dama dos crimes, Agatha Christie, criou o não menos famoso detetive Hercule Poirot, um belga vaidoso, além Miss Jane Marple, uma simpática

velhinha. A autora é um fenômeno da literatura mundial, tendo escrito dezenas de romances, contos e peças teatrais traduzidos em 45 idiomas.

O livro mágico

O livro de magias, segundo Fabre (2010, p. 208), era:

Escrito em uma língua estranha, com tinta incomum, com um título estranho emprestado de um autor prestigioso (Salomão; Alberto, o Grande; o papa Honório ou São Cipriano), é o agente da magia por excelência, que se profiram suas fórmulas, executem seus ritos ou simplesmente o guarde.

A palavra magia, segundo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (1982, p. 489), significa ‘religião dos magos’, ‘feitiçaria’, cujos praticantes, os magos, segundo esse Dicionário, eram sábios sacerdotes da Pérsia. No século VI a.C., os magos eram sacerdotes dotados de grande sabedoria, profetas, conselheiros de soberanos, praticavam a astrologia e interpretavam sonhos.

Entre os livros mágicos encontram-se os *Grimórios*, as *Clavículas* ou *Chaves* e *O Poderoso Livro de Magia Negra com Capa de Obsidiana das Sombras Escuras das Trevas sem Luzes*. O livro mágico sofre, por parte do Estado e da Igreja, uma censura total, até o último terço do século XIX; hoje existindo apenas na sombra.

O livro sagrado

Na suas inúmeras formas de lidar com o sagrado, o homem elaborou uma infinidade de livros religiosos, missais, catecismos, livros litúrgicos, oráculos, mas um, entre todos, merece destaque: a Bíblia.

Considerado o maior best-seller de todos os tempos, a Bíblia é lida pela maioria das pessoas por motivos religiosos, o que constitui sua razão de ser. Entretanto, o conjunto de livros que a integra deve ser apreciado como literatura.

O termo “Bíblia” vem do grego e quer dizer “dos livros”. Assim, sua diversidade está ligada à própria generalidade do título. Considerando-se os gêneros textuais, nela tem-se parábolas e outras narrativas, poemas, sermões, provérbios, cartas, entre outros. Em um trecho encontramos lirismo; noutro, ensinamentos, expressos por uma linguagem bastante

metaforizada. Seus personagens são numerosos, transitando em um mundo de mistérios que, há cerca de três mil anos, ilumina e encanta.

O livro digital

Escolar (1977, p. 37), prevendo os avanços tecnológicos, afirmou:

O mais provável é que o livro do futuro se diferencie tanto do atual que não possa chamá-lo de livro e que, além disso, não chegue a preencher todas as funções que ele vem desempenhando através de séculos. Provavelmente não terá forma de livro, não utilizará papel como material, nem seu conteúdo conservará a forma escrita.

Inventado por Michael Hart, quando digitou a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América e fundou o Projeto Gutenberg, considerado o mais antigo produtor de livros digitais do mundo, o livro digital, também conhecido por livro eletrônico ou e-book, tem formato digital e pode ser lido em equipamentos eletrônicos, como computadores, PDAs ou celulares que deem suporte a esse recurso. Os formatos mais comuns são o PDF e HTML, em que o primeiro necessita de um leitor de arquivos, e o segundo, apenas de um navegador de Internet para ser aberto. Sua principal vantagem é a portabilidade, uma vez que são facilmente transportados em CD-ROM, disquetes, pen-drives e cartões de memória. Mas para estes equipamentos há uma limitação, pois não podemos utilizá-los em qualquer local, vez que necessitam de suportes adequados.

O livro digital pode ser vendido ou disponibilizado para download em portais de Internet gratuitos. Neste sentido, fica fácil o acesso nas escolas, sobretudo por ser um dispositivo de armazenamento de pouco custo, já que os e-books chegam a ser 80% mais baratos que um livro impresso, quando não são disponibilizados gratuitamente.

O advento do comércio digital não corresponde ao fim do livro em papel, pois, por questões de hábito, muitas pessoas preferem o livro impresso porque, a qualquer momento, podem fazer uso dele; já o livro digital está condicionado a fatores como uma fonte de energia elétrica e equipamentos adequados.

O livro digital serve como acesso mais rápido e prático à leitura, visto que qualquer computador ou equipamento conectados à rede são bibliotecas em potencial, disponibilizando e democratizando ao leitor conhecimento, informação e lazer.

Considerações finais

Falar do livro não é apenas descrever seu conteúdo, convêm as condições de sua leitura. Conforme Fabre (2001, p.212), “a leitura, devidamente regrada por muito tempo, exige uma vocalização por inteiro, assim, o leitor é possuído pelo livro. Em nossa sociedade, a magia está submetida à dupla censura – civil e religiosa.”

Contar a magia do livro é dizer também os perigos que correm seus leitores de encantar-se com seu conteúdo ou de, através dele, transformar-se. Mas esse não é o único risco que correram e ainda correm escritores e leitores, ao longo da história. Como foi visto ao longo deste estudo, alguns livros foram motivo de perseguição e execução sumária de seus autores e possuidores. Apesar das mudanças em termos de direitos individuais ocorridas no mundo, algumas sociedades ainda mantêm controle rigoroso sobre o que deve ser escrito, publicado e lido.

Muito embora toda a modernidade e apregoada praticidade relacionadas aos livros eletrônicos, a profecia de que a palavra impressa vai desaparecer está muito longe de acontecer, já que, no mundo, 976 mil novos títulos foram publicados, só em 2007.

Discussões à parte, o livro impresso ou digital é, ainda, o maior veículo de transmissão de conhecimento, cultura, ideologia e também uma das melhores fontes de prazer que o homem já desenvolveu e dos quais se utiliza. Não importando a mídia em que se apresente, o livro, decididamente, é o produto mais significativo e representativo da evolução intelectual de uma espécie que, iniciando por contar sua história através de desenhos rústicos nas paredes das cavernas, conquistou o espaço além de si, numa determinação incansável de se reconstruir histórica e intelectualmente.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

ESCARPIT, Robert. *A revolução do livro*. Rio de Janeiro: MEC, 1976.

ESCOLAR, Hipólito. *História do livro em cinco mil palavras*. Brasília: Quiron, 1977.

FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In: *Práticas de leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: *Bakhtin e outros conceitos-chave*. BRAIT, Beth (org.). São Paulo: Contexto, 2006.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. Eric Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

YUNES, Eliana e OSWALD, M^a. Luiza. *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.